

Incidência da Depressão após a pandemia no Brasil

Incidence of Depression after the pandemic in Brazil

DOI:10.34117/bjdv9n3-034

Recebimento dos originais: 01/02/2023

Aceitação para publicação: 01/03/2023

Patrícia Soerger

Graduanda em Medicina

Instituição: Universidade de Rio Verde (UNIRV) - Campus Goianésia

Endereço: Rodovia GO-438, KM 02, Sentido Santa Rita do Novo Destino,

CEP: 76380-000

E-mail: soergerpatricia@gmail.com

Cláudio Henrique de Assis Ferreira

Graduado em Medicina

Instituição: Universidade Federal do Ceará (UFC)

Endereço: R. Alexandre Baraúna, 949, Rodolfo Teófilo, Fortaleza - CE,

CEP: 60430-160

E-mail: claudimhenrique@hotmail.com

Daniel Aparecido dos Santos

Especialista em Família e Comunidade

Instituição: Hospital de Amor Barretos – SP

Endereço: Carretera Panamericana, Km 3 1/2, Havana 19108, Cuba

E-mail: danieldossantosmed@gmail.com

Deise Gonçalves do Nascimento

Graduanda em Medicina

Instituição: Centro Universitário Maurício de Nassau (UNINASSAU)

Endereço: Av. Augusto Franco, 2340, Siqueira Campos, Aracaju - SE, CEP: 49075-470

E-mail: deisegsp@gmail.com

Eduardo Pelizzari Raizel da Cruz

Graduando em Medicina

Instituição: Universidade de Rio Verde (UNIRV) – Campus Formosa

Endereço: Avenida Brasília, 2016, St. Formosinha, Formosa – GO, CEP: 73813-10

E-mail: eduardo_pelizzari@outlook.com

Frederico Fernandes Queiroga

Graduando em Medicina

Instituição: Universidade de Rio Verde (UNIRV) – Campus Formosa

Endereço: Avenida Brasília, 2016, St. Formosinha, Formosa – GO, CEP: 73813-10

E-mail: freddqueiroga@gmail.com

Mayara Jéssica Monteiro China

Graduanda em Medicina

Instituição: Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Endereço: R. Baraúnas, 351, Universitário, Campina Grande - PB, CEP: 58429-500

E-mail: mayarajmc005@gmail.com

Pedro Henrique Fernandes Siqueira Dias

Graduando em Medicina

Instituição: Universidade de Rio Verde (UNIRV) - Campus Goianésia

Endereço: Rodovia GO-438, KM 02, Sentido Santa Rita do Novo Destino,

CEP: 76380-000

E-mail: pedro.fernandesdias@hotmail.com

Renata de Castro Reis

Graduanda em Medicina

Instituição: Universidade de Rio Verde (UNIRV) – Campus Formosa

Endereço: Avenida Brasília, 2016, St. Formosinha, Formosa – GO, CEP: 73813-10

E-mail: rdreis10@gmail.com

Safira Monteiro Costa

Graduanda em Medicina

Instituição: Universidade de Rio Verde (UNIRV) – Campus Formosa

Endereço: Avenida Brasília, 2016, St. Formosinha, Formosa – GO, CEP: 73813-10

E-mail: safiramonteiro.c@gmail.com

Tainara Suelen de Siqueira

Graduada em Medicina pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)

Instituição: Universidade de Rio Verde (UNIRV) – Campus Formosa

Endereço: Rodovia Dourados/Itahum, Km 12, Cidade Universitária, Dourados - MS,

CEP:79804-970

E-mail: taii_03@hotmail.com

RESUMO

Introdução: Após a identificação inicial em dezembro de 2019 na cidade de Wuhan, província de Hubei localizada na China Central, o Vírus intitulado como SARS-CoV-2 desencadeou a COVID-19, a qual rapidamente se espalhou pelo mundo. Objetivo: Identificar a incidência de depressão após o período pandêmico. Método: Revisão bibliográfica da literatura realizada em janeiro de 2023 nas bases de dados BVS, MEDLINE, LILACS e BDEFN através dos seguintes DeCS: “COVID-19”, “Saúde Mental”, “Qualidade de vida” combinados entre si pelo operador booleano AND. Foram encontrados 55 estudos e após aplicar os critérios de inclusão e exclusão, foram selecionados 8 estudos para compor a revisão. Utilizou-se como pergunta norteadora: “Houve um aumento na incidência da depressão após o período pandêmico?” Resultados: O advento da pandemia da COVID-19 ocasionou um impacto significativo no que tange a saúde mental da população. As pesquisas demonstram que a saúde mental foi impactada pelos distúrbios no sono, econômicos e por meio do desenvolvimento de patologias como a depressão. O grupo mais atingido por essas alterações significativas no estilo de vida comum foram os jovens. Nota-se comumente que essa piora na saúde mental esteve relacionada com os desafios da adesão às recomendações de saúde comportamentais. Conclusão: Compreende-se a partir dos fatores mencionados que os sintomas depressivos

e os hábitos comportamentais estão relacionados, os quais foram desencadeados pelas medidas e restrições adotadas durante a pandemia da COVID-19. Observou-se ao longo desse estudo que o comportamento sexual e a autopercepção dos indivíduos também sofreram alterações.

Palavras-chave: Covid-19, saúde mental, qualidade de vida.

ABSTRACT

Introduction: After the initial identification in December 2019 in the city of Wuhan, Hubei province located in Central China, the Virus titled as SARS-CoV-2 triggered Covid-19, which quickly spread globally. **Objective:** To identify the incidence of depression after the pandemic period. **Method:** Bibliographic review of the literature carried out in January 2023 in the VHL, MEDLINE, LILACS and BDEFN databases through the following DeCS: “COVID-19”, “Mental Health”, “Quality of life” combined with each other by the Boolean operator AND . 55 studies were found and after applying the inclusion and exclusion criteria, 8 studies were selected to compose the review. It was used as a guiding question: “Was there an increase in the incidence of depression after the pandemic period?” **Results:** The advent of the Covid-19 Pandemic had a significant impact on the mental health of the population. Research shows that mental health was impacted by impacts on sleep, economics and through the development of pathologies such as depression. The group most affected by these significant changes in common lifestyle were young people. It is commonly noted that this deterioration in mental health was related to challenges in adhering to behavioral health recommendations. **Conclusion:** It is understood from the mentioned factors that depressive symptoms and behavioral habits are related, which were triggered by the measures and restrictions adopted during the COVID-19 pandemic. It was observed throughout this study that the sexual behavior and self-perception of individuals also underwent changes.

Keywords: Covid-19, mental health, quality of life.

1 INTRODUÇÃO

Após a identificação inicial em dezembro de 2019 na cidade de Wuhan, província de Hubei localizada na China Central, o Vírus intitulado como SARS-CoV-2 desencadeou a COVID-19, a qual rapidamente se espalhou globalmente. Acontecimento este que impulsionou a Organização Mundial da Saúde (OMS) a decretar em março de 2020, o alerta de pandemia, perspectiva que requereu dos países um retorno nacional de emergência. Em outros países como Portugal e em grande parcela do mundo, foram adotadas estratégias que visavam a contenção do vírus, de modo a prevenir a disseminação da patologia o mundo ficou marcado pelo período da quarentena e pelo confinamento social obrigatório, o que afetou consideravelmente a saúde mental dos indivíduos (ANGÉLICO, 2020).

Em consonância com os dados fornecidos pelo Datasus, o quantitativo de óbitos por lesões autoprovocadas dobrou comparado a duas décadas atrás, elevando-se de 7 mil para 14 mil. Estatísticas que antecederam ao período pandêmico externalizam que a depressão era considerada a motivação principal para a implementação do auxílio-doença, correspondendo a aproximadamente 30,67% do total. No entanto, após o decorrer do primeiro ano da pandemia da COVID-19, a prevalência da mesma elevou-se em torno de 25% de acordo com a OMS, entidade que emitiu o alerta para que houvesse uma manutenção dos serviços de assistência psicológica, de modo a aumentar o alcance dos atendimentos (COFEN, 2022).

De acordo com Hansel *et al* (2022) o isolamento social contribuiu para a redução dos casos e das taxas de mortalidade, associado a cobertura vacinal e as restrições impostas pelos órgãos competentes demonstram que a pandemia da COVID-19 está se aproximando da fase de recuperação da resposta aos desastres. Diante disso, a população manteve-se ansiosa por um novo normal, visando lentamente restabelecer o estilo de vida antes adotado, mesmo que a ameaça ainda seja contínua. Visto que, a vacina não protege contra o contágio do vírus SARS-CoV-2 apenas reduz o desenvolvimento de complicações em decorrência da infecção. A pandemia, por sua vez, serviu como um lembrete de que é preciso prevenir desastres antes que eles venham a se concretizar (SALTZMAN; HANSEL; BORDNICK, 2020).

Através da ótica epidemiológica da Organização Pan-Americana de Saúde (2021) compreende-se que a depressão é considerada um transtorno comum, de gravidade considerável, sendo capaz de interferir no cotidiano do paciente. Observa-se que a mesma causa alterações na força de trabalho, na higiene do sono, na concentração dos estudos, altera o apetite, além de desencadear a falta de sentido relacionada à vida. Salienta-se que a sua causa relaciona-se a uma combinação de vertentes genéticas, biológicas, ambientais e psicológicas. A OMS em seu Relatório Mundial de Saúde (2020) externaliza que a mesma ocupa o segundo lugar no ranking de patologias que causam o maior ônus.

Outrossim, nas últimas décadas foram constatadas altas taxas de prevalência no que tange a depressão e ansiedade em diversos países. A pandemia da COVID-19, impõe vários desafios no que se refere a saúde mental da população, como a quarentena que teve seu período estendido diversas vezes, a solidão, questões socioeconômicas tais como o índice alto de desemprego, a perda de renda quando se trata dos trabalhadores autônomos. Em concordância com os fatores mencionados, os estudos demonstram uma prevalência

de ansiedade de cerca de 32% e de depressão de cerca de 34% entre a sociedade em geral ao decorrer do período pandêmico (HAJEK *et al.*, 2022).

Segundo Bayrak e Cadirci (2021) associações relacionadas com a depressão, demência e má qualidade de vida com a morbimortalidade ainda não foram correlacionadas. Diante disso, os pesquisadores buscam identificar quais são os fatores de risco para a mortalidade e analisar a relação existente entre o bem estar fisiológico e psicológico dos pacientes, o qual é externalizado pela qualidade de vida, depressão e comprometimento cognitivo. Dessa forma, a presença dessas comorbidades geram um maior risco de comprometimento psicológico que consequentemente está associado a elevadas taxas de mortalidade principalmente em idosos. Percebe-se que há uma tendência nos últimos anos de elevação do nível de estresse e sofrimento psíquico.

Vale salientar que aproximadamente um ano após o período pandêmico, os dados externalizam que os adultos e idosos são mais resistentes aos efeitos psíquicos negativos, os quais foram produtos da crise instalada na sociedade, diante disso essa parcela da população possui uma saúde mental mais preservada do que o esperado. Algumas pesquisas demonstram que em países desenvolvidos os adultos externalizaram uma porcentagem menor relativa ao desenvolvimento de ansiedade, depressão e transtorno de estresse pós-traumático do que os indivíduos jovens. Essas descobertas foram impactantes para a compreensão do bem estar sem alterações durante o isolamento social (MIKLITZ *et al.*, 2022).

Na percepção de Park *et al.*, (2021) é necessário se prevenir mantendo um estilo de vida saudável tentando evitar hábitos como etilismo, tabagismo, sedentarismo, alimentação desbalanceada e estresse. Reavaliar os padrões de vida torna-se essencial nesse processo, estabelecer uma consciência acerca da sua própria saúde por meio do estabelecimento de valores e caráter, de modo a estabelecer limites, participar de atividades de lazer contribui significativamente para a redistribuição populacional e consequentemente evitar sequelas mentais importantes. Sabe-se que todos os estilos de vida não saudáveis relacionam-se a patologias não transmissíveis e podem ter efeitos significativos no sistema imunológico (WANG *et al.*, 2020).

Algumas estimativas globais estimam que 12,8 a 48,6% dos adultos desenvolveram obesidade ou afirmaram ter ganhado peso devido às modificações na rotina durante o período pandêmico. Uma vez que, a obesidade pode ser considerada um fator de risco para o desenvolvimento da depressão devido às questões de não aceitação da sua condição e do seu próprio corpo e a não implementação de mudanças que alterem

esse processo, nota-se como a ausência da educação em saúde faz com que lacunas consideráveis estejam intrínsecas na sociedade. Essas comorbidades geram consequências para a saúde e com isso destacamos a urgente necessidade de intervenções pontuais e efetivas que trabalhem esses aspectos na sociedade (KRINGLE *et al.*, 2020).

Diante disso, o presente trabalho tem como objetivo identificar a incidência de depressão após o período pandêmico, externalizando dados estatísticos que comprovem a sua elevação ao longo desse período em busca de fomentar a implementação de medidas que evitem danos psicológicos e o desenvolvimento da depressão.

2 MÉTODOS

Trata-se de uma revisão bibliográfica da literatura, por apresentar uma síntese dos resultados obtidos através de pesquisas publicadas anteriormente. Para isso, utilizou-se de etapas para construção do estudo: Definição da temática e problemática através da estratégia PICO, elaboração dos critérios de inclusão e exclusão para a pesquisa, definição das bases de dados e descritores a serem utilizados, buscas de materiais para a construção do estudo, análise crítica e discussão dos resultados.

A busca ocorreu no mês de janeiro de 2023, cujos materiais foram obtidos por meio do Portal da Biblioteca Virtual da Saúde (BVS), com a complementaridade das bases de dados Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e Base de Dados de Enfermagem (BDENF) através dos seguintes Descritores em Ciências da Saúde (DeCS): “COVID-19”, “Saúde Mental”, “Qualidade de vida” combinados entre si pelo operador booleano *AND*, tendo como base a seguinte questão norteadora: Houve um aumento na incidência da depressão após o período pandêmico?

A estratégia para elaboração do tema e questão norteadora foi a PICO, identificando a população a ser estudada, intervenção e o contexto do estudo. Foram selecionados como critérios de inclusão: artigos disponíveis na íntegra, nos idiomas português e inglês, que abordassem a temática nos últimos cinco anos cujo assunto principal fosse a depressão. Como critérios de exclusão: artigos que tratam acerca da depressão associada a outras patologias de base adquiridas antes do período pandêmico. A partir da busca inicial com os descritores e operadores booleanos definidos, foram encontrados 1214 estudos nas bases selecionadas e após aplicar os critérios de inclusão e exclusão, restaram 55 artigos, dos quais foram selecionados 8 estudos para compor a revisão.

3 DESENVOLVIMENTO

Quadro 1. Caracterização dos estudos. Campina Grande, PB, Brasil, 2023.

Título/ano	Autores	Objetivo	Resultados
Associação do impacto do COVID-19 com os resultados de uma intervenção integrada de obesidade e depressão: análise posthoc de um RCT (2022).	Kringle <i>et al.</i>	Examinar a correlação entre os danos ocasionados pela COVID-19 com os resultados obtidos por uma intervenção integrada para adultos com obesidade e depressão.	Três correlações foram identificadas sendo elas, a saúde mental e o impacto no sono, impacto econômico e o impacto geral. As intervenções programadas levaram a melhorias em diversos resultados de saúde.
Sintomas Depressivos e Seus Fatores Associados em Alunos do Ensino Técnico-Profissional durante a Pandemia da COVID-19 (2021).	Fernandes <i>et al.</i>	Comparar a prevalência das sintomatologias referentes a depressão e o comportamento em discentes de duas escolas técnico-profissionais a fim de determinar a associação desses sintomas com o período pandêmico.	Constatou-se a importância de intervenções voltadas para mulheres e dos anos iniciais do ensino médio, bem como a necessidade de implementar hábitos alimentares saudáveis e inserir a atividade física nesse contexto.
Ansiedade, sintomatologia depressiva e comorbidades em pessoas devido a COVID-19: Um estudo transversal (2020).	Angélico.	Explorar as correlações entre ansiedade, depressão e comorbidades em indivíduos acometidos pela COVID-19 e precisam de isolamento social.	O estudo indicou que os indivíduos que necessitam de isolamento social estão mais propícios a desenvolverem patologias como depressão e ansiedade.
COVID-19 saúde comportamental e qualidade de vida (2022).	Hansel <i>et al.</i>	Explorar os caminhos da saúde comportamental e da qualidade de vida acerca do COVID-19.	A pandemia propiciou uma piora de algumas patologias como ansiedade, depressão, bem como o uso indiscriminado de bebidas alcoólicas, provocando uma redução da qualidade de vida.
Prevalência e determinantes de provável depressão e ansiedade durante a pandemia de COVID-19 em sete países: evidências longitudinais do European Covid Survey (ECOS) (2022).	Hajek <i>et al.</i>	Apresentar dados acerca da prevalência de patologias como depressão e ansiedade durante a pandemia da COVID-19 em sete países da Europa.	A pesquisa externalizou que o surgimento da depressão está associado com o aumento da idade, dificuldades financeiras e uma péssima qualidade de vida. Já a ansiedade está relacionada com preocupações financeiras e o estilo de vida adotado.
As associações de qualidade de vida, depressão e comprometimento cognitivo com mortalidade em idosos com COVID-19: um estudo observacional prospectivo (2022).	Bayrak; Çadirci.	Identificar fatores de risco relacionados à mortalidade, analisando as associações com o bem-estar fisiológico e mental dos pacientes conforme suas comorbidades e estilo de vida.	Os pacientes com mortalidade eram significativamente fumantes ativos, obesos e com comorbidades em uso de polifarmácia, alguns deles com risco de desenvolver depressão ao longo da vida.
O impacto do sofrimento relacionado ao COVID-19 nos	Miklitz <i>et al.</i>	Examinar quais os aspectos subjetivos ocasionados pela	As preocupações associadas ao COVID-19 no que tange à

níveis de depressão, ansiedade e qualidade de vida em pacientes psico geriátricos (2022).		pandemia da COVID-19 aumentam os níveis de depressão, ansiedade e alteram a qualidade de vida de pacientes psico geriátricos e com comprometimento cognitivo.	saúde e segurança financeira, no entanto, não foram significativamente associadas a resultados negativos de saúde mental.
Diferenças em estilos de vida multifacetados em resposta à pandemia de COVID-19 e sua associação com depressão e qualidade de vida de idosos na Coreia do Sul: um estudo transversal (2021).	Park <i>et al.</i>	Avaliar as diferenças no estilo de vida antes e após o surto da COVID-19 em meio aos idosos, bem como identificar o impacto dessas diferenças no estilo de vida na depressão e qualidade de vida.	Houve uma redução significativa em relação à prática de exercícios físicos e na participação de outras atividades em meio a pandemia. A mesma impactou negativamente no que tange aos índices de depressão em idosos.

A Epidemiologia evidencia o impacto abrangente que a COVID-19 ocasionou na saúde mental e conseqüentemente nos serviços que disponibilizam atendimentos nessa área. O estudo *Global Burden of Disease* mais recente demonstrou que a pandemia afetou a saúde mental da população jovem, os quais apresentaram mudanças de comportamento consideráveis como o comportamento suicida e a automutilação. Esse grupo foi o mais afetado devido a ausências das relações afetivas e o isolamento social. As mulheres também foram afetadas de forma severa, mais que os homens e indivíduos com comorbidades associadas tais como asma, câncer e patologias cardíacas. Estando, esse grupo mais vulnerável a sofrer com hospitalizações e doenças graves (OPAS, 2022).

O advento da Pandemia da COVID-19 ocasionou um impacto significativo no que tange a saúde mental da população. As pesquisas demonstram que a saúde mental foi impactada pelos impactos econômicos, no sono e por meio do desenvolvimento de patologias como a depressão. O grupo mais atingido por essas alterações significativas no estilo de vida comum foram os jovens. Nota-se comumente que essa piora na saúde mental esteve relacionada com os desafios da adesão às recomendações de saúde comportamentais, as quais eram difíceis de serem aceitas por grupos que possuíam uma vida ativa, sendo estes considerados vulneráveis e adquirindo por sua vez sequelas consideráveis comparadas aos demais (KRINGLE *et al.*, 2020).

De acordo com Fernandes *et al* (2021) um estudo com adolescentes revelou que o envolvimento maior com atividades sexuais durante a pandemia também foi considerado um fator de risco para o desenvolvimento de depressão. Ademais, questões como o quantitativo de parceiros sexuais e o uso de preservativos possuem a capacidade de afetar diretamente o psicológico de adolescentes, jovens e adultos. A ausência de relações

sociais contundentes e a interação com o meio ambiente são fatores aliados ao desenvolvimento de possíveis transtornos psicossociais como a depressão, tendo em vista que a ausência de apoio social, relacionamentos interpessoais, acesso a lazer, serviços de saúde e transporte alteram a auto percepção dos adolescentes (WU *et al.*, 2021).

Outrossim, é possível reconhecer problemáticas de ordem fisiológica dos quais se destacam mialgias e astenia, níveis de ansiedade elevados e a depressão na população após se infectarem com o vírus do SARS-CoV-2, além de terem suas comorbidades agravadas. Diante disso, os dados externalizam que o suporte social empregado durante o isolamento de familiares, amigos, profissionais de saúde mesmo que por recursos midiáticos contribuíram significativamente para a redução dos níveis de ansiedade e consequentemente dos índices de depressão, além de aliviar o mal-estar geral e reduzir o medo. Essa perspectiva demonstra a importância do indivíduo estabelecer vínculos sociais para melhorar a sua qualidade de vida (ANGÉLICO, 2021).

Segundo Hansel *et al* (2022) a exacerbação da ansiedade despertou nos indivíduos comportamentos preventivos como a constante higienização das mãos e o cumprimento das restrições pré-estabelecidas para reduzir a transmissibilidade do vírus. Entretanto, os fatores estressores de forma contínua desencadearam na população o desenvolvimento de problemáticas de saúde mental de longo prazo. Compreende-se que os desastres biológicos desencadearam uma gama de perturbações, incertezas e consequentemente medo das pessoas, o que representa um impacto considerável nas comunidades por dois anos. A partir disso nota-se uma lacuna significativa no que tange às evidências científicas acerca da saúde, comportamento e qualidade de vida dos indivíduos (SALTZMAN; HANSEL; BORDNICK, 2020).

Os estudos em sua maioria demonstram as altas taxas de prevalência e probabilidade de depressão e ansiedade na população durante a pandemia da COVID-19, sendo ambas patologias frequentes principalmente na fase adulta em diversos países europeus. Ao comparar o período que antecedeu a pandemia especificamente na Europa com o intervalo de tempo durante esse processo percebe-se que as taxas se tornaram elevadas no que tange a essas patologias. Diante disso, constatou-se que cerca de 10,4% dos indivíduos desenvolveram uma probabilidade considerável de desencadeamento da depressão e 9,8% da população estudada na Alemanha já possuíam ansiedade provável dez anos atrás aproximadamente (HAJEK *et al.*, 2022).

Outro estudo com 122 pacientes com média de idade de 73 anos observou a partir de um levantamento de dados que os pacientes que entraram em óbito após a infecção

com o SARS-Cov-2 possuíam uma qualidade de vida reduzida com risco alto de depressão, comprometimento cognitivo e queda, sendo a prevalência menor que 0,05.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS) apenas no primeiro ano da pandemia da COVID-19, a prevalência mundial de ansiedade e depressão elevou-se em 25% de modo que a disponibilidade dos serviços de saúde mental afetada consideravelmente tornando a situação uma emergência de saúde pública, impulsionando 90% dos países a adicionar a saúde mental e apoio psicossocial em seus planos (BAYRAK; CADIRCI, 2021).

Por meio de uma pesquisa com 219 pacientes Miklitz *et al* (2022) constatou que os principais diagnósticos levantados foram a demência (43%), o comprometimento cognitivo leve (13%), transtorno do humor (37%) e demais outros transtornos psiquiátricos de diferentes níveis (7%) após a pandemia da COVID-19. É importante destacar que uma grande parcela dos pacientes com demência possuía diagnóstico de Doença de Alzheimer (69,5%), seguida de demência frontotemporal (10,5%), demência mista (9,5%), demência de corpos de Lewy (4,2%) e outros tipos de demência (6,3%). Patologias essas que foram agravadas ou desenvolvidas após os estímulos estressores que o período pandêmico ocasionou (PFEFFERBAUM; NORTH, 2020).

Vale salientar que as peculiaridades pré e pós surto de SARS-Cov-2 em grande parcela dos estudos científicos envolveram a associação com a prática de exercícios físicos e a análise do quantitativo de dias de participação, o que levou os pesquisadores a conclusão de que após o surto da COVID-19 a ênfase de participação nas mesmas reduziu significativamente. Essas evidências são reforçadas por outros estudos que externalizam as políticas nacionais como o distanciamento social e a restrição da atividade física principalmente de idosos. Constatou-se a partir disso que a cessação da atividade física durante e após o período de isolamento corrobora para o aumento da incidência de depressão, principalmente na faixa etária de risco (PARK *et al*, 2021).

Diante do exposto, Kringle *et al* (2020) aponta que uma das principais justificativas para a elevação da incidência de depressão no mundo é a perpetuação do estresse ocasionado pelo isolamento social em decorrência do período pandêmico associado a isso a restrição do trabalho, a impossibilidade de ver seus familiares pessoalmente e de estar inserido no âmbito social foram aspectos incisivos que afetaram consideravelmente a saúde mental. Ademais, a solidão, o medo da contaminação, o sofrimento ocasionado pelo luto, questões financeiras devido a crise econômica, estresse ocasionado pela espera incessante da resolução dessa problemática, a exaustão dos

profissionais de saúde são fatores de impacto considerável que podem resultar em pensamentos suicidas.

Por fim, compreende-se que as relações sociais e o meio ambiente estão intrinsecamente relacionados e estes são reflexos do contexto em que os indivíduos vivem. Partindo desse pressuposto fatores como apoio social, relacionamento interpessoal, acesso a lazer, serviços de saúde e transporte interferem diretamente na percepção do contexto em que vivenciam. Além disso, condições relacionadas aos aspectos individuais como gênero, faixa etária e série associados aos fatores sociais como as relações, hábitos de sono e o ambiente em que estão inseridos. A partir desses fatores subentende-se que a pandemia foi determinante para que a incidência de depressão aumentasse na sociedade, impactando diretamente a qualidade de vida dos indivíduos (FERNANDES *et al*, 2021).

4 CONCLUSÃO

Compreende-se a partir dos fatores mencionados que os sintomas depressivos e os hábitos comportamentais estão relacionados, os quais foram desencadeados pelas medidas e restrições adotadas durante a pandemia da COVID-19. Observou-se ao longo desse estudo que o comportamento sexual e a autopercepção dos indivíduos também sofreram alterações. Diante do exposto pode-se afirmar que há uma alta prevalência de sintomatologias depressivas atinge principalmente indivíduos jovens como alunos do ensino técnico-profissional, especificamente em sua maioria do sexo feminino. No que se refere aos hábitos diários, constata-se que o sedentarismo e a alimentação desregulada auxiliam no aumento da incidência de depressão.

Vale salientar que esse período ocasionou repercussões epidemiológicas consideráveis que causaram um impacto considerável na saúde. Diversas questões interferiram nesse processo como o medo da patologia e da morte iminente que a mesma representava, a vivência do isolamento social associada à incerteza e preocupações com o que o futuro reserva, a curto e longo prazo, sem levar em consideração os impactos na saúde mental e no aspecto socioeconômico da população em geral, especificamente na parcela da população mais vulnerável como os profissionais da saúde e os grupos populacionais que já possuíam patologias relacionadas a perturbação mental. Nessas circunstâncias, o que se tem como resultado é o acréscimo de perturbações relacionadas a ansiedade, depressão, sofrimento psíquico, perturbações do sono e suicídio.

REFERÊNCIAS

ANGÉLICO, A. I. A. **Ansiedade, sintomatologia depressiva e comorbidades em pessoas devido a COVID-19: Um estudo transversal.** 2021. Tese de Doutorado.

BAYRAK, M; CADIRCI, K. The associations of life quality, depression, and cognitive impairment with mortality in older adults with COVID-19: a prospective, observational study. **Acta clínica Belgica**, v. 77, n. 3, p. 588-595, 2022.

(COFEN), Conselho Federal de Enfermagem. **O Brasil vive uma segunda pandemia, agora na Saúde Mental.** 2022. Acesso em: 08 fev. 2023.

FERNANDES, M. S. V., *et al.* Depressive symptoms and their associated factors in vocational–technical school students during the Covid-19 pandemic. **International journal of environmental research and public health**, v. 19, n. 6, p. 3735, 2022.

HANSEL, T. C., *et al.* COVID-19 behavioral health and quality of life. **Scientific Reports**, v. 12, n. 1, p. 961, 2022.

HAJEK, A., *et al.* Prevalence and determinants of probable depression and anxiety during the COVID-19 pandemic in seven countries: Longitudinal evidence from the European COvid Survey (ECOS). **Journal of affective disorders**, v. 299, p. 517-524, 2022.

KRINGLE, E. A., *et al.* Association of COVID-19 impact with outcomes of an integrated obesity and depression intervention: Posthoc analysis of an RCT. **Obesity Research & Clinical Practice**, v. 16, n. 3, p. 254-261, 2022.

MIKLITZ, C., *et al.* The impact of COVID-19-related distress on levels of depression, anxiety and quality of life in psychogeriatric patients. **European Archives of Psychiatry and Clinical Neuroscience**, p. 1-14, 2021.

(OPAS), Organização Pan-Americana de Saúde. **Depressão.** 2021. Acesso em: 08 fev. 2023.

(OPAS), Organização Pan-Americana de Saúde. **Pandemia de COVID-19 desencadeia aumento de 25% na prevalência de ansiedade e depressão em todo o mundo.** 2022. Acesso em: 08 fev. 2023.

PARK, K., *et al.* Differences in multi-faceted lifestyles in response to the COVID-19 pandemic and their association with depression and quality of life of older adults in south korea: a cross-sectional study. **Nutrients**, v. 13, n. 11, p. 4124, 2021.

PFEFFERBAUM, B; NORTH, C. S. Mental health and the Covid-19 pandemic. **New England Journal of Medicine**, v. 383, n. 6, p. 510-512, 2020.

SALTZMAN, L. Y.; HANSEL, T. C; BORDNICK, P. S. Loneliness, isolation, and social support factors in post-COVID-19 mental health. **Psychological Trauma: Theory, Research, Practice, and Policy**, v. 12, n. S1, p. S55, 2020.

WU, T. H., *et al.* Prevalência de problemas de saúde mental durante a pandemia de COVID-19: uma revisão sistemática e meta-análise. **Jornal de transtornos afetivos**, v. 281, p. 91-98, 2021.

WANG, C., *et al.* A novel coronavirus outbreak of global health concern. **The lancet**, v. 395, n. 10223, p. 470-473, 2020.